

A MORTE NO UNIVERSO FICCIONAL INFANTO-JUVENIL DE ZIRALDO

Marcelina Oliveira¹

*É a morte _ essa carnívora assanhada _
Serpente má de língua envenenada
Que tudo que acha no caminho, come...
Faminta mulher que, a 1º de Janeiro
sai para assassinar o mundo inteiro,
e o mundo inteiro não lhe mata a fome!*

Augusto dos Anjos

RESUMO

Por se tratar de um artista que se destaca em vários segmentos, principalmente na literatura e nas ilustrações, Ziraldo conseguiu fazer com que a obra *Menina Nina*, guardasse um “teor de magia” que contagiasse adultos e crianças. Por isso é considerada atualmente um dos clássicos da literatura infanto-juvenil brasileira. O autor focalizará o velado tema da morte em nossa sociedade contemporânea, tanto no universo adulto quanto no infantil. Será demonstrado através desta análise, de uma forma realística e triste, a trajetória do autor, em confortar a neta, que sofreu a perda da avó.

Palavras-chave: crianças, literatura infanto-juvenil, morte, ziraldo.

1. Introdução

Entrar no mundo infanto-juvenil sem levar em sua bagagem todas as fadas, é uma incompleta odisséia para qualquer escritor que pretende focalizar o universo infantil. Entrar no mundo infantil, que por si só, já é um conto de fadas e retirar dele a fada–madrinha de uma princesa, trespassa qualquer condição de normal entendimento, do imaginário infanto-juvenil. Este trabalho tem por finalidade expor a maneira realística e lúdica, com a qual o escritor Ziraldo, trata o assunto *morte* no universo infantil. Para se adentrar neste universo,

¹ Graduação em Letras e Turismo, Mestranda em Estudos Literários – (UNEMAT/Tangará da Serra). E-mail: marcelina@na.tur.br

será usado o livro do mesmo autor: *Menina Nina*. Ziraldo usou o espaço da ficção para situar e detalhar a abordagem da perda através da morte, vista pela ótica das crianças. A fundamentação teórica deste trabalho, será através de Nelly Novaes Coelho que aborda o universo mágico infanto-juvenil e através de Maranhão, que teoriza a temática da morte, na sociedade contemporânea. O modo genial, pelo qual o autor constrói esta trajetória será acompanhado no decorrer deste trabalho.

2. O multi artista

Nascido em Caratinga em 24 de Outubro de 1932. Ziraldo é o filho mais velho de uma família de sete irmãos. Como ele mesmo diz, tem um nome único e *inventado*, já que Ziraldo é a junção dos nomes de seus pais: Zizinha e Geraldo.

Desde criança tem duas paixões: ler e desenhar. Lia tudo o que lhe caía nas mãos e desenhava em todos os lugares. A paixão pelo desenho era tanta que ele desenhava nas ruas, calçadas, muros, paredes, cadernos.

Ziraldo é: cartunista, jornalista, teatrólogo, chargista, caricaturista, escritor e entrevistador. Seus trabalhos já foram traduzidos para o francês, basco, espanhol, italiano, alemão e para o inglês e já lhe renderam vários prêmios internacionais.

Sua consagração como escritor veio com a obra *Menino Maluquinho* na década de 80, e esta, já foi adaptada para a TV e para o cinema. Quando ele escreveu o menino maluquinho, ele escreveu sobre sua própria infância. O menino maluquinho era ele mesmo.

Um ano após se formar em Direito, ele se casou com Vilma e teve três filhos. Após 42 anos de casamento, Vilma faleceu no ano 2000. Foi em homenagem a ela, Vivi e à neta Nina, que Ziraldo escreveu esta obra que será analisada neste trabalho.

2.1 Resumo da obra: *Menina Nina*, duas razões para não chorar

Vivi era uma mulher viajada e independente, uma cidadã do mundo. Uma mulher impressionável e alegre. Certo dia recebeu a notícia de que iria se tornar avó pela primeira vez. Foi tomada de imensa e inexplicável alegria. De certo modo se sentia menina outra

vez, era como se ela, que já era *renascida* na filha, *renascesse* agora na neta. Ela ficava impressionada ao pensar que seria mãe duas vezes. Nina, a netinha de Vivi, nasceu e se tornaram inseparáveis amigas, durante nove longos anos.

Tinham muitos planos, muitos sonhos e eram grandes parceiras em tudo o que empreendiam juntas. Nina queria ser Vivi quando crescesse, tal era a admiração dela pela avó. Certa noite, todos os sonhos e planos foram interrompidos, Vivi faleceu enquanto dormia. Nina se revolta com a perda da avó, se vê sozinha, sem sua amiga, sem a sua parceira que ela pensou um dia, ser para a vida toda. Nina tem que reaprender a ler a vida sem avó Vivi. Nina tem que reaprender a ser feliz.

2.2 A morte na sociedade contemporânea

Ziraldo usou sua criatividade de escritor e desenhista de um modo absolutamente genial nesta obra: *Menina Nina*. Durante toda a narrativa o autor conversa com o leitor de um modo poético, triste, realístico, porém necessário, quando a temática abordada é a morte. O tema morte, por mais que seja difícil e velado na maioria das sociedades, é absolutamente inevitável.

Os psicanalistas existenciais apontam que se no início do século XX o grande tabu se dava em relação ao sexo, no final do referido século o grande tabu é ligado à morte. Na atualidade é comum as crianças receberem informações sobre sexualidade, porém quando se trata da morte esta é mascarada relacionando-a com uma “viagem”, “descanso” (TORRES, 1983, p. 25).

A sociedade contemporânea tem por costume, esconder a morte e todo o seu inevitável processo, de um modo limpo, discreto, tácito e profissional. Há todo um aparato social para que o morto seja: arrumado, velado e enterrado no menor espaço de tempo possível, justamente para que o sofrimento causado aos parentes seja minimizado o quanto for possível. A cultura brasileira tem por hábito enterrar o morto em até 24 horas após a morte. É notório que este hábito é co-existente e necessário a um mundo capitalista que visa o consumo de um modo implacavelmente caótico e exagerado. Ou seja, o *recado* seria (no

bom entendimento) assim: “*Recupere-se da morte de seu ente querido o mais rápido possível, porque o mundo capitalista não pode parar de produzir e nem você de consumir*”.

Tal afirmação se justifica em Maranhão:

Depois dos funerais, o luto propriamente dito. O dilaceramento da separação e a dor da saudade podem existir no coração da esposa, do filho, do neto; porém, segundo os novos costumes, eles não os deverão manifestá-los publicamente. As expressões sociais, como o desfile de pêsames, as “cartas de condolências” e o trajar luto, por exemplo, desaparecem da cultura urbana. Causa espécie anunciar seu próprio sofrimento, ou mesmo demonstrar estar sentindo-o. A sociedade exige do indivíduo enlutado um autocontrole de suas emoções, a fim de não perturbar as outras pessoas com coisas tão desagradáveis. O luto é mais e mais um assunto privado, tolerado apenas na intimidade, às escondidas, de uma forma análoga à masturbação. O luto associa-se à ideia de doença. O prantear equivale às excreções de um vírus contagioso. O enlutado deve doravante ficar isolado, em quarentena (MARANHÃO, 1986, p. 5).

Ziraldo certo dia e a sua maneira, obrigou-se ter com sua neta de nove anos a difícil conversa de explicar a uma criança o significado da morte e todos os seus mistérios que a sociedade atual insiste em esconder. Ele como poeta, escritor e desenhista, fez desta conversa, uma obra profundamente emocionante e que toca os sentimentos de leitores de todas as idades. Ziraldo usou genialmente a linguagem da criança (como sempre o faz), para através do universo de sonhos e do imaginário infantil, inserir um assunto absolutamente avesso à vontade ou ideologia de qualquer criança: a morte. Nelly corrobora com tal afirmação, quando cita: “O maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico... deixaram de ser vistos como pura fantasia ou mentira, para ser tratados como portas *que se abrem* para determinadas verdades humanas” (COELHO, 1987, p. 9).

É conveniente dividir esta análise em três partes, pois é assim, em três partes distintas, que o autor veladamente subdivide a construção da obra. Quando se refere à construção desta obra, não se pode deixar de analisá-la em sua totalidade artística. Esta totalidade artística é composta por: frases poéticas, ilustrações e tamanho físico do livro. É muito importante citar, que o projeto gráfico do livro tem fundamental importância com o envolvimento do leitor pela obra. Este envolvimento imediato do leitor pela narrativa é facilitado pelo fato do livro ter sido impresso com excelente qualidade de papel e também

pelo seu formato especial, (está fora dos padrões gráficos normais). Estes artifícios permitem ao autor, exagerar no tamanho das letras e das ilustrações. Estes três componentes (narrativa, ilustrações e tamanho físico do livro) são a ferramenta do escritor para expor a ideia da morte em sua ficção infanto-juvenil. Não bastassem os artifícios usados, o autor delimita tecnicamente a obra em três partes distintas, que neste trabalho serão abordadas com os seguintes subtítulos: vida plena, morte e o reaprender a viver.

2.3 A vida plena

O escritor exhibe nesta primeira parte da narrativa, a vida boa, colorida, viva e produtiva de Vivi: “Se Nina visse a vovó lá do fundo do seu berço e já pudesse entender a vida que aqui se vive (do lado de cá do vidro), a Nina iria aprender o que é felicidade” (ZIRALDO, 2002, p. 4). Além do escritor usar as palavras, esta passagem do nascimento de nina, (quando ela ainda estava no berçário) é ilustrada por uma imensa imagem colorida e viva (que está inteira em duas páginas), onde Vivi está de braços abertos e com um enorme sorriso no rosto. O escritor usa a plena alegria da vida, quando colore o fundo desta imagem com a cor azul e a povoa com inúmeras pessoas felizes e assustadas, com a alegria transbordante e exagerada de Vivi.

Todas as falas e todos os presentes que eram para Nina, são traduzidos pela alegria de Vivi que naquele momento se tornava avó pela primeira vez, tal qual o autor afirma na mesma página: “vovó estava feliz com a chegada de Nina_ a menina que fez Vivi virar vovó” (ZIRALDO, 2002, p. 4).

O autor trabalha com a figura feminina de Vivi, como o agente multiplicador e necessário, para a perpetuidade da vida, quando escreve: “No dia em que Nina nasce, vovó Vivi vira mãe multiplicada por duas” (ZIRALDO, 2002, p. 6). Neste episódio ele começa a delimitar ao leitor o início das coisas da vida e começa a sinalizar, que o caminho da vida que a sociedade prega às pessoas, é o de seguir uma vida longa e feliz, retratada pela máxima: “Felizes para sempre”.

Nesta parte “alegre e viva” da história, continua-se a perceber as ilustrações coloridas em todas as páginas. Sempre apresentando Vivi como uma mulher bela, decidida, independente, uma avó realizada e feliz. O autor continua relatando fatos simples da rotina

de Vivi e de Nina, que comprovam o modo implícito em que uma estava inteira na vida da outra, tal como demonstra a citação a seguir, quando Nina fala do que vai ser quando crescer: “Eu já sei o que vou ser quando crescer. Vou ser você, Vó Vivi. Pois eu vi seu retrato de primeira comunhão e pensei que era eu na festinha do Colégio, no dia de São João. E, se ontem fui você, vou ser você amanhã” (ZIRALDO, 2002, p. 22). Vivi era o modelo de mulher que Nina queria ser. Nesta passagem da obra, a ilustração mostra Nina já com nove anos, olhando para uma foto da avó e se olhando no espelho. Uma imagem enorme, colorida e viva. Tem-se a impressão, através da ilustração, que Nina está sonhando com um futuro belo e perfeito com sua avó. Onde ela se tornaria de certo modo a sua avó, e isso a fazia muito feliz.

Toda esta primeira parte da obra é narrada de um modo absolutamente simples, alegre e marcado por situações rotineiras que criavam a cada dia mais vínculo entre avó e neta. É notória a alegria do autor em sua narrativa poética:

“O que essa menina inventa!” E lá está Nina criando histórias muito engraçadas de galinhas de biquíni, de leões feitos de sol, que ela mesma desenha, pra fazer Vovó Vivi rir de suas invenções e guardar os seus desenhos, colecionar suas frases e recontá-las aos amigos (ZIRALDO, 2002, p. 12).

Esta primeira parte da obra que é tão alegre, com desenhos expressivos, coloridos e enormes, a qual o autor se atém apenas à narrativa da história infantil, repleta de objetos lindos, acontecimentos felizes e bons; será completamente alterada para parte a seguir, onde mudará a trajetória da narrativa e as ilustrações, impressionantemente acompanham esta trajetória.

2.4 A morte

A claridade, a vida esfuziante, a objetividade e as cores que havia nas ilustrações da parte anterior da obra (a vida plena), será transformada em escuridão. A alegria e leveza que havia na narrativa do autor, será substituída por uma narrativa pesada e lenta, já não há mais pressa, já não há mais vida. A interlocução que o autor faz a todo momento com o leitor, será bruscamente interrompida, quando ele deixa de ilustrar duas páginas, no ápice

da dor de Nina, para que o leitor use sua imaginação e assim se interioriza ainda mais na narrativa. Esta parte da narrativa começa com uma inquietação de Nina, antes de dormir, a noite olhando à lua. Este enunciado é perceptível apenas ao se analisar a ilustração, que já em um tom acinzentado-escuro, prepara o leitor para o sentimento de tristeza da morte que se aproxima. Esta mesma cena, mostra Nina de costas, já vestida em seu pijama, observando a lua, com as mãozinhas para trás. A morte é anunciada pela figura da lua: “E aí teve uma noite/ em que a lua lá no Céu/ cedo se desenhou/ bem clara e redondinha” (ZIRALDO, 2002, p. 25). O autor escrevendo a palavra “Céu” com “c” maiúsculo, já prepara o leitor para o sagrado mítico-religioso que virá pela frente. O autor usa com precisão a figura da lua para anunciar a morte de Vivi, pois tal como afirma Chevalier, a lua é um símbolo de transformação, de passagem da vida para a morte:

A lua é o primeiro morto. Durante três noites, em cada mês lunar, ela está como morta, ela desapareceu... depois reaparece e cresce em brilho. Da mesma forma, considera-se que os mortos adquirem *uma nova modalidade de existência*. A lua é para o homem o símbolo desta passagem da vida à morte e da morte à vida; ela é considerada entre muitos povos o lugar desta passagem, a exemplo dos lugares subterrâneos (CHEVALIER, 2009, p. 562).

O autor usa não somente a lua, mas também a noite, para criar uma atmosfera de apreensão e angústia. Angústia esta que perdura mesmo ao amanhecer do dia: “E o dia amanheceu mas vovó não apareceu para o café da manhã. Vovó não estava lá para fazer a vitamina que dividia com a Nina. O que houve com a vovó? Meu Deus do Céu, o que houve?” (ZIRALDO, 2002, p. 26). Novamente o autor escreve “Céu” com “c” maiúsculo, mostrando desta vez a ligação estreita do céu com o sagrado, no caso “Deus”. O céu com letra maiúscula faz referência à sagrada morada de Deus, preparando assim o leitor para o final, onde ele demonstrará a Nina que ela tem *dois motivos para não chorar*. Ocorre neste caso quase uma prolepse. Tal recurso foi usado para atenuar o momento mais marcante da história, que é quando Nina descobre que a avó está morta no quarto ao lado. É como se o autor desse um pouco de esperança ao sofrimento agudo que o leitor sente ao ler esta parte da narrativa.

A interlocução que o autor fazia em todos os momentos com o leitor é bruscamente interrompida, no ápice da dor de Nina, (mais precisamente nas páginas 26 e 27). O autor expressa esta interrupção, quando ele deixa de usar o recurso da ilustração, e usa apenas a narrativa. Estas duas páginas contêm o ápice da narrativa e são as mais tristes de toda a obra. São nestas duas páginas também, que o tema morte começa a ser duramente abordado. Neste momento o autor se desfaz de suas ilustrações como se pudesse se despojar de suas próprias máscaras sociais e parte para a realidade tal como ela é. Esta realidade será vivida por Nina: “Vovó Vivi abre a porta! E a Vovó Vivi não responde” (ZIRALDO, 2002, p. 26).

A narrativa continua tensa e parte para uma densidade chocante: “Quando a porta do seu quarto foi aberta, finalmente com força e ansiedade, lá dentro, Vovó dormia serena como viveu. Vovó dormia para sempre” (ZIRALDO, 2002, p. 27). Nestas duas passagens das páginas 26 e 27, fica claro o motivo pelo qual todas as idades se emocionam com o texto, pois o autor consegue de um modo único, falar dos sentimentos de qualquer pessoa ao perder um ente querido, já que a morte é um assunto comum a todos. Nelly ilustra perfeitamente esta afirmação:

A visão mágica do mundo deixou de ser privativa das crianças, para ser assumida pelos adultos. *A bela adormecida, Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho* e mil outras narrativas maravilhosas ainda terão algo a nos dizer? Sem dúvida que sim. O que nelas parece apenas “infantil”, divertido ou absurdo, na verdade carrega uma significativa herança de sentidos ocultos e essenciais para a nossa vida (COELHO, 1987, p. 9).

Percebe-se muitas vezes que juntamente com morte e com a tragédia, há a união e a solidariedade de toda uma comunidade, por mais diversa e desconexa que esta seja. A morte nivela e deixa todos na condição linear de igualdade de “*condição social*”; já que ninguém chora a dor de quem perdeu o ente querido, chora sim, a sua própria dor, por suas perdas passadas ou imaginando as suas inevitáveis perdas futuras.

A vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos, menos controláveis; a morte, muitas vezes mais dolorosa; o sentido da culpa e o medo da punição depois da morte, a doutrina oficial. Porém, em todos os casos, a participação dos outros na morte de um indivíduo era muito mais

comum. Hoje sabemos como aliviar as dores da morte em alguns casos; angustias de culpa são mais plenamente recalçadas e talvez dominadas (...). Mas o envolvimento dos outros na morte de um indivíduo diminuiu (ELIAS, 2001, p. 37).

A esta altura da narrativa, fica evidente o início da tristeza e da revolta de Nina com a morte da avó:

Vovó você nunca disse que queria ir embora assim, sem dizer adeus. Não era isso vovó que estava combinado. Vovó, e suas promessas? Vovó e nossas viagens? Vovó Vovó Vivi e as farras que a gente ia fazer? E a nossa parceria? Vovó e os meus segredos? Pra onde você levou? E como eu vou crescer sem você me ver crescer? Como vou andar no mundo onde você não está? Vovó, eu não posso mais abraçar as suas pernas, não posso beijar seu rosto, não posso pegar sua mão... Vovó, que coisa difícil, Vovó Vivi, que aflição! (ZIRALDO, 2002, p. 28).

A partir do ápice da narrativa, o autor inicia o desenlace que levará a personagem a uma situação de equilíbrio, o que culminará com a “solução” do drama de Nina. Esta trajetória tem início com a mais bela e a mais significativa ilustração do livro. É uma imagem enorme de Nina chorando. Um *close* em seus enormes olhos tristes e castanhos de onde escorre uma lágrima pesada, consegue passar a dimensão da dor e da tristeza vivida pela personagem. Segue-se uma página em branco que cala o leitor, levando-o a uma meditação sobre o ocorrido até aquele momento dentro da narrativa.

2.5 O “reaprender a viver”

Deve-se levar em consideração ao analisar esta obra, que o autor narra também a sua própria dor pela morte de sua esposa Vivi. Vivi além de avó de Nina era mãe de três filhos, esposa de Ziraldo, empresária. Ziraldo cita em inúmeras entrevistas, que quando ele escreveu este livro, ele queria achar uma *solução* para o problema da neta Nina, com a perda da avó. E ele sabia que ao achar esta *solução mágica*, ele também se confortaria. Demoraram dois anos até que ele encontrou a solução; e ele o fez, de um modo genial.

Esta parte da narrativa que resolve todo o drama da personagem que sofre com a perda da avó, começa assim: “Mas espere, Nina, espere, porque há duas razões para você

não chorar” (ZIRALDO, 2002, p. 33). O autor começa a preparar o leitor e de certo modo o faz com enorme veemência, ao colocar a palavra “mas” com letras enormes no início do texto, que contrasta com a página anterior que está em branco. Esta preposição aparece com uma chave para a solução do trágico na narrativa. É um chamamento para que Nina volte a viver a sua vida e reaprender a ser feliz sem a sua avó. A narrativa volta a ser suave, positiva e alegre. As ilustrações retomam seus tamanhos enormes e coloridos.

Próximo ao final do livro o autor aponta duas soluções para Nina a primeira:

Se muito além desse sono que vovó está dormindo não existe nada mais _como muita gente crê_ não existe despertar, nem porto, destino ou luz; se tudo acabou de vez _acabou completamente_ pode ter certeza Nina, a Vovó está em paz; não sabe nem saberá que está dormindo pra sempre. Aí você pode, Nina, ir dormir o seu soninho e sonhar um sonho bom, pois Vovó não está sofrendo. Como não vai acordar _seja aqui do nosso lado, seja em outro lugar ela está sonhando, Nina (como sonha toda noite, quem dorme um sono profundo). E então, Vovó vai ver sua netinha crescer nos sonhos de vocês duas (ZIRALDO, 2002, p. 35).

Ziraldo aponta nesta primeira solução, neste primeiro motivo uma solução para as pessoas que são evangélicas. Este fato se torna claro, quando em um segundo momento ele cria outra solução caso a primeira não seja conveniente para Nina:

Se, porém depois desse sono imenso, Vovó despertar num outro mundo, feito de luz e de estrelas, veja, Nina que barato!!! Que lindo virar um anjo. Que lindo voar no espaço! E aí, se acreditamos que é desse jeito que as coisas acontecem, depois que a vida na Terra termina, pode ter certeza, Nina: vovó está vendo você. E então, quando você for dormir, dê um adeuzinho pra ela, mesmo que você não possa ver a vovó (é que o céu é muito longe). E de lá onde ela está, Vovó vai ver você crescer do jeito que ela sonhava (ZIRALDO, 2002, p. 37).

O autor visa nesta última solução, outro motivo para Nina não mais chorar. Fazendo assim um paralelo de duas crenças diferentes é perceptível que: na primeira, estão inseridas as religiões que não acreditam no céu como eterna morada após a morte; e na segunda, estão os que acreditam que após a morte a alma vai para o céu. Como o autor aborda um assunto polêmico: a morte, ele teve que se precaver de possíveis tendências em promover

este ou aquele culto religioso. Sendo assim, quando ele abre o assunto para os dois tipos de doutrinas básicas das religiões, ele passa a agradar tanto o leitor que acredita na vida eterna, quanto o que não acredita. Fica claro neste desenlace na narrativa que o que interessa tanto para o autor, quanto para o leitor, é que Nina, sofresse uma intervenção nesta situação final, que lhe tirasse do trágico e do dramático e que a trouxesse de novo para a vida feliz, a vida social que deve sempre continuar. Esta intenção é clara quando o autor termina o livro: “Portanto, não chore mais e vá dormir, minha querida. Dos dois jeitos desse adeus é que a gente inventa a vida” (ZIRALDO, 2002, p. 37).

A última ilustração mostra Nina dando adeus para o alto, em pé em cima da cama. Nesta situação final, percebe-se através da ilustração, o conformismo de Nina. Não há o sorriso e nem a expressão inerente de felicidade que as ilustrações anteriores mostravam, mas sim, há a serenidade e o entender, de que a vida não para e de que o tempo é implacável.

3. Conclusão

Após todas as exposições teóricas, e a todas as análises feitas, pode-se chegar à conclusão de que Ziraldo com os elementos precisos de narrativa e ilustração, conseguiu abordar dentro do universo infantil, o tema morte, ainda neste século considerado um tabu. Além de sua narrativa simples e fluente o mecanismo das ilustrações funcionou o tempo inteiro da narração, como um pano de fundo que antecipava ao leitor a próxima cena e o fazia entender e participar visualmente a emoção do texto vivida pela personagem. Tratando-se de um escritor que também é desenhista, pode-se concluir que este *adentrar* profundo no universo mágico infantil, só foi possível porque o autor nivelou o assunto morte, à altura do entendimento das crianças, *usando* sua própria linguagem infantil como recurso.

A sociedade contemporânea não encara o tema *morte* como algo natural e iminente a todos, assim sendo, esta cultura de velar a morte e escondê-la, é transmitida às crianças de geração a geração. O autor teorizou e demonstrou às crianças, que as pessoas morrem e que quem fica precisa continuar a viver e a produzir seus caminhos. Usando os artifícios da narrativa mágica, o autor conseguiu levar ao seu universo ficcional, um tema adulto e

adaptou este tema ao entendimento infantil, ao transformá-lo em um assunto natural e rotineiro.

O tema *morte* que se impõe como atemporal e as ilustrações sincronizadas com o ritmo do texto, fazem desta obra um clássico da literatura moderna infanto-juvenil brasileira.

Referências

COELHO, Nelly. *O Conto de Fadas*. São Paulo: Ática, 2002.

MARANHÃO, J. L. S. *O que é Morte*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

NORBERT, Elias. *A Solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

PINTO, Ziraldo. *Menina Nina, duas razões para não chorar*. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

TORRES, W. C. *A Redescoberta da Morte*. In: GUEDES, W. G; TORRES, R. C; (Orgs). *A Psicologia da Morte*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1983.

THE DEATH IN THE FICTIONAL UNIVERSE CHILDREN-YOUTH ZIRALDO

ABSTRACT

Since this is an artist who stands out in several segments, especially in literature and illustrations, Ziraldo able to make the work *Girl Nina*, a guarded "content of magic" that infect adults and children. So it is now considered a classic of children's literature in Brazil. The author will focus on the hidden theme of death in our contemporary society, both in the adult as in infant. It will be demonstrated through this analysis, in a realistic and sad, the trajectory of the author, in comforting the granddaughter, who suffered the loss of her grandmother.

Keywords: children, children's literature, death, ziraldo.